

“On me parle de progrès, de réalisations, de maladies guéries, de niveaux de vie élevés au dessus d’eux-mêmes.

Moi, je parle de sociétés vidées d’elles-mêmes, de cultures piétinées, d’institutions minées, de terres confisquées, de religions assassinées, de magnificences artistiques anéanties, d’extraordinaires possibilités supprimées.

On me lance à la tête des faits, des statistiques, des kilomètres de routes, de canaux, de chemins de fer.

Moi, je parle de milliers d’hommes sacrifiés au Congo-Océan. Je parle de ceux qui, à l’heure ou j’écris, sont en train de creuser à la main le port d’Abidjan. Je parle de millions d’hommes arrachés à leurs dieux, à leur terre, à leurs habitudes, à la sagesse.

Je parle de millions d’hommes à qui on a inculqué savamment la peur, le complexe d’infériorité, le tremblement, l’agenouillement, le désespoir, le larbinisme”

(Citado por J. Chevrier, p. 185-186).

ITALO CARONI

* *

*

Koch, Walter — *Falares Alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. 90 p., 8 mapas, 7 ilustrações, Bibliografia p. 30-31.

As preocupações com os estudos dialetológicos remontam às últimas décadas do século passado. São trabalhos de lexicografia, como os de Antonio Pereira Coruja, com a *Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, e Antonio Joaquim Macedo Soares, que pretendia documentar o *dialeto brasileiro* escrevendo *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*. Revivendo o entusiasmo do período da Independência, o início da República se viu bafejado por um fervor nacionalista que se manifestou também nas obras de Sílvio Romero, cujo objetivo era identificar o *diferencial nacional*, e no “porque-me-ufanismo” de Affonso Celso. Talvez a ideologia latente deste período ainda não se tenha de todo esvaído.

O empenho em evitar a dissociação entre os vários campos da língua imprimiu uma nova orientação aos estudos da língua portuguesa no Brasil com os trabalhos de Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim e outros. Temos, portanto, nessas obras não apenas um levantamento do léxico, mas uma

tentativa de abordagem de caráter geral. Embora imbuídos do espírito científico da época, esses estudos sobre os diversos falares regionais escondem em seu bojo a oposição entre propagandistas de uma língua brasileira e defensores da unidade lingüística entre Portugal e Brasil. A falta de técnica e rigor científicos impediu que esses trabalhos transcendessem o âmbito das proposições ideológicas.

Na década de 1950 o trabalho de Serafim da Silva Neto, *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, marca uma nova fase na pesquisa lingüística brasileira. A coleta sistemática de dados e o emprego dos métodos da Geografia Lingüística e da Sociolingüística são as características desse novo período.

É dentro deste contexto que encontramos o livro de Walter Koch, *Falares alemães no Rio Grande do Sul*.

Como primeiro resultado de uma pesquisa ampla reúne a obra três estudos realizados na área de colonização alemã do Rio Grande do Sul. O primeiro deles, *Contribuição para o estudo dos falares alemães no Rio Grande do Sul*, tem por objeto estabelecer a possibilidade de uma “koiné” teuto-rio-grandense. O A. se utiliza das técnicas de pesquisa empregadas pelo “Deutsch-Wort-atlas” (DWA). Escolheu o termo *pepino* por não ser este passível de várias interpretações por parte dos informantes. Dada a predominância da forma “Gurke” e suas variantes, o A. conclui que os “dialetos alemães não se dissolveram totalmente numa “koiné” teuto-rio-grandense uniforme e homogênea” As variações devem-se à influência de diversos falares regionais alemães. Quanto à distribuição geográfica das formas encontradas “somente a comparação com outros mapas lingüísticos da mesma área admitirá conclusões válidas. Ademais teriam que ser examinados diversos fatores extra-lingüísticos, como correntes de imigração e de migração interna, vias de comunicação etc.”

O segundo estudo, *Idioleto e dialeto numa colônia westfaliana* (p. 33-61), fundamenta-se num levantamento realizado na localidade de Linha Clara, Município de Estrela, colonizada na década de 1870 por imigrantes oriundos da Westfalia que cultivam o westfaliano ainda em família. O A. busca a origem desse falar na própria Westfalia, bem como fatores que possam provocar as “impurezas” do dialeto. Emprega para tanto o processo de superposição de isoglossas que implica a distribuição geográfica de determinadas palavras e suas variantes. Da aplicação de cinco questionários a seis informantes, o A. infere que no falar de Linha Clara predomina o dialeto westfaliano falado na região de Tecklenburg, Lengerich e Osnabrück com alguma influência do dialeto francônio infiltrado na região através de matrimônio. A influência, porém, de dialetos francônios assim como na língua portuguesa “devem ser bem mais recentes, visto que nenhum empréstimo deles é usado por mais de dois dos seis informantes”

O terceiro estudo, *Notas etnográfico-lingüísticas sobre a cana-de-açúcar* (p. 63-90), registra o fato de os imigrantes alemães adotarem as técnicas de cultivo e industrialização da cana-de-açúcar empregadas no Brasil sem contudo se apropriarem da terminologia portuguesa.

Em face das pesquisas já realizadas entre os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, entre as quais destacamos as de H. Bunse, R. Bossmann e C. Oberacker, que não são desconhecidas do A., surge-nos a pergunta se não seria prematuro concluir pela inexistência de uma “koiné” teuto-rio-grandense depois do estudo, embora rigoroso, de uma só palavra. Não estaria aqui o A. concluindo mais do que as premissas lhe permitiriam?

Com relação ao segundo estudo o A. dá grande realce às porcentagens. Seria interessante empregar também outros recursos da estatística, pois pode igualmente ocorrer que o pequeno número de informantes (apenas seis que não respondem completamente os questionários) esteja viciando a amostra. Será que um maior número de informantes permitiria demonstrar uma maior influência dos pomeranos, dos baixo-saxões e de outros? É de elogiar a tentativa do A. em criar o conceito de *famileto*, devendo-se lembrar que sob este termo podem se esconder uma série de aspectos ainda não totalmente pesquisados.

Ressaltamos com o próprio A. que o terceiro estudo apenas reúne “Notas”, “como um produto lateral”, feitas por ocasião da pesquisa sobre os falares alemães no Rio Grande do Sul.

CÉLIA MARIA FROTA DE SOUZA

* * *

*

OS RELÂMPAGOS DE MURILO MENDES

MENDES, Murilo — *Retratos Relâmpago* Conselho Estadual de Cultura, São Paulo, 1973, 106 p.

Este livro teve um destino bem estranho. Embora tenha impressa na capa a data de 1973, não foi no início distribuído e, ainda em 1974, aparecia anunciado entre os “próximos lançamentos”. Ao que parece só no começo de 1975 passou a circular um pouco, isto é, podia ser encontrado em pouquíssimas livrarias e teve alguma repercussão crítica. Todavia, mesmo agora, é um livro difícil de encontrar, provavelmente porque os livreiros não se sentem muito animados pela edição oficial, de capa nada atraente, sendo conhecida, ademais, a aversão de muitos revendedores pelos livros baratos. E todos estes fatores fazem com que este livro tão importante atinja muito dificilmente o seu público.